

O que nos custa crer — a nós portugueses de 1925 — é como a perda de um *cruzado*, mesmo sendo a vítima um hebreu, dá ensanchas para uma peça de teatro. Não é fácil de se anular esta idea com a noção da valorização do oiro, visto que o cruzado é ainda da nossa terminologia monetária e se resume a quatro papelinhos amarrotados e sujos.

Tal é, em ligeiro esboço, a *Farsa do Alfaiate*, cujo autor Henrique da Mota é um dos mais correntios, elegantes e chistosos trovadores do *Cancioneiro de Garcia de Resende*.

Deve-se ao Dr. Leite de Vasconcelos a exumação desta reliquia....

MATOS SEQUEIRA.

(Do *Diário da Tarde* de 14-VIII-25).

A barba em Portugal, estudo de Etnografia comparativa, por J. LEITE DE VASCONCELLOS, Lisboa, Imprensa Nacional, 1925, XII — 191 páginas.

I

Acaba de sair dos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa um livro, que a honra pelo trabalho perfeito de composição tipográfica, e pela boa execução das gravuras, nada menos de 132, que o completam e elucidam.

Tôda a gente que passa pelos mostradores das livrarias, ou aqui folheia as obras, deve de o ter notado, tanto pelo aspecto facial, como pela bizarria do título, ilustrado de mais a mais por um desenho, «quási auto-retrato», do estatuário da Rainha Santa, de Coimbra, Teixeira Lopes.

No meio da *avalanche* de impulso continuo com que as casas editoriais atiram livros para o mercado, é de notar êste, porque o Dr. Leite de Vasconcellos está num campo especial

Da copilação dos seus *Ensaio Etnográficos* (quatro volumes) com abundância de informação folklórica, até às *Religiões da Lusitânia*, de três volumes, a *História da Numis-*

mática em Portugal, publicada há dois anos no *Arquivo da Universidade de Lisboa*, e agora *A barba em Portugal* — a soma de trabalho na colheita de elementos, de observação e interpretação, apenas tem de comparável a exuberância na bibliografia concernente ao assunto explorado.

A barba em Portugal é um título de livro, que à primeira vista nos parece de assunto para rir. E o seu próprio autor, lembrando essa impressão provável no público menos dado a hipocondria, repetiu a observação de H. Leclercq: «au point de vue littéraire et au point de vue historique la seule idée d'une histoire de la barbe ne va pas sans quelque ridicule» (p. 51), observações que este fez no *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne*, obra sua de colaboração com Cabrol, s. v. «barbe». Leclercq faz porém uma restrição; concorda que não seria o mesmo sob o aspecto arqueológico, porque a importância e a multiplicidade dos monumentos figurados que se prestam ao estudo do uso da barba entre os antigos, é tão grande, que só por si bastaria para reabilitar um assunto, cujas informações de história de arte e de usos teriam infalivelmente de ser abundantes e consideráveis. Pois até Aulauré escreveu a *Pogonologie ou histoire philosophique de la barbe* (1706)!

E o livro do Dr. Leite de Vasconcelos vem provar quanto esse assunto se prende com a história de arte, com o tipo antropológico e o carácter de um povo, com seus usos e costumes, reflectidos no simbolismo, na superstição popular e no léxico. — De um argueiro se faz um cavaleiro, — diz o adágio. E o Dr. Leite de Vasconcelos, applicando-lhe o conto fez de uma coisa de somenos, como é a barba, — até quando a barba é o símbolo de cara honrada — um estudo curioso, original e completo.

Querem ver? Como principia o livro? — «Dá-se o nome de «barba» à porção do sistema piloso que se observa no individuo do sexo masculino, depois de púbere, e lhe cobre mais ou menos os lados do rosto, a superfície exterior dos beiços, o mento, e a parte antero-superior do pescoço» (p. 1). E conclue: «Tanto no que toca ao passado, como ao presente, o estudo da barba é por igual instrutivo. E assim o têm reconhecido inúmeros escritores, do séc. XVI para cá. Se alguns desses escritores falaram da barba zombando, pois não falta nela motivo de zombaria, muitos a trataram no estrito campo didático. Ao elemento risível pode também caber por sua vez

interpretação científica, isto é, psicológica, histórica, e social» (p. 151).

No «preâmbulo» informa o Dr. Leite de Vasconcelos que este estudo corresponde ao Livro III, parte 1.^a, série B, cap. 4 da sua *Etnografia Portuguesa*

Para ver como o assunto é exgotado pela metodização do copioso material reunido, basta observar o esquema dos seis capítulos da obra de que estou falando:

- I — A barba antropológicamente;
- II — Feitura da barba;
- III — Formas e cortes de barba;
- IV — A barba no decurso dos tempos;
- V — Simbolismo da barba;
- VI — A barba no léxico e na literatura.

A prova etnográfica e linguística aparece e reaparece em cada página do livro, denunciando o gosto do autor e a razão principal da obra. Mas os três últimos capítulos (IV a VI) são os mais acabados e os mais curiosos.

O cap. IV segue o uso da barba no documento arqueológico desde o paleolítico superior (antevisto na arte rupestre dos desenhos de Valtorta, em Castellon), pelo período proto-histórico, pelo romano e visigótico, da Península Ibérica, e daí pelas épocas históricas de Portugal, da Idade-Média até nossos dias; é só por si uma monografia de colaboração arqueológica, histórica, sociológica e artística.

O cap. V colige todas as manifestações de simbolismo tradicional da barba: sinal de virilidade e honra; a barba grave da velhice; índice de severidade em filósofos, monges, deuses e reis; corte e arrancamento insultuoso da barba; feiticismo e lenda; episódios históricos ligados com apostas e empenhos das barbas, como os que se passaram com Albuquerque o «terribil» e Castro o «forte».

O sumário do cap. VI define-o: Palavras que indicam indivíduos de barba abundante, ou escassa; ou alcunhas e apelidos. Locuções e sentenças em que entra a palavra *barba* e congêneres. Metáforas primárias e secundárias; metáforas circulatórias. A barba na literatura culta: do séc. XV à actualidade. A barba na literatura popular: provérbios, canções, etc.

A documentação que cimenta todos estes capítulos é grande, e só a pode apreciar quem leia o livro e acompanhe as chamadas à bibliografia paginal.

Corre à antropologia, a Deniker (*Les races et les peuples de la terre*), R. Martin (*Lehrbuch der Anthropologie*), E. Frizzi (*Anthropologie*), à *Revue d'anthropologie* (artigos de Charles Royer e Staland Wake). Serve-se de história da medicina: Dubreuil Chambardel (*La médecine en Touraine au XI siècle*), Raynaud (*Les médecins au temps de Molière*), Bouillet (*Précis d'histoire de la médecine*), e de medicina moderna com Berlioz (*Manuel pratique des maladies de la peau*), etc. De história: Bordeau (*Histoire de l'habillement*), Gaston Paris (*Histoire poétique de Charlemagne*). De arqueologia: Montelius (*La civilisation primitive en Italie*), Mortillet (*Musée d'Archéologie*), Déchelette (*Manuel d'Archéologie*), Obermayer & Vernet (*Pinturas de Valtorta*), D. Antonio Vives (*Estudios de Arqueologia Cartaginesa*), Marquardt (*La vie privée des Romains*), e enciclopédias como o *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne* de Cabrol & Leclercq, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* de Daremberg & Saglio, a *Encyclopédie* de Pauly & Wissowa, até à *La grande Encyclopédie* e ao *Larousse Illustré*. E folklore com Hazlit, Menéndez Pidal; linguística, com Hübner, Madwig, Diez, Meyer-Lübke, D. Carolina Michaëlis, Riegler; mitologia, com Gubernatis.

E socorre-se de Macrobio, Herodoto, Estrabão.

A literatura portuguesa antiga fornece-lhe elementos de etnografia: O *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, a *Crónica da Guiné* de Azurara; Bernardim Ribeiro, o simpático Gaspar Frutuoso das *Saudades da Terra*, D. Francisco Manuel de Melo, Soropita, Manuel Bernardes, Martim Afonso de Miranda.

Só na literatura moderna as medicinas de Pires de Lima (*Vocabulário anatómico popular*) e Ricardo Jorge (*O Mal do Bicho*), as monografias históricas de Gonçalves Cerejeira (*O Renascimento em Portugal*), Teixeira de Aragão (*Moedas de Portugal*), Sampaio Pimentel, Lopes Fernandes, Artur Lamas, Marques Ferreira, Conde de Sabugosa, P.^o Valério Cordeiro, etc.; as obras etnográficas como *Ciganos em Portugal* de Adolfo Coelho, e Adagiários de Antonio Delicado e de Rolland, os dicionários como o *Elucidário* de Viterbo, *O grande dicionário da língua portuguesa*, o *Dicionário das plantas de Portugal* de A. de Vasconcelos; não esquecendo os elemen-

tos preciosos obtidos nas Matrículas da Tôrre do Tombo, nos Registos paroquiais como o de Santa Cruz do Castelo (publicado por E. Prestage & Pedro de Azevedo) e até no *Anuário Comercial*.

.

LUÍS CHAVES.

(Da *Epoca* de 30-X-1925).

II

Dr. Leite de Vasconcellos is one of the bestknown ethnologists in Europe. The number of his published works during the last fifty years is formidable, but they have so human a touch that the keen interest which has been brought to their writing infects the reader. He has earned the gratitude of future ages by collecting and publishing a mass of material concerning the habits and traditions of the Portuguese people. Nothing is too minute to escape his observation; and the pages of his *Revista Lusitana*, of which twenty-three yearly volumes have now been published, and of his «*Ensaios Etnograficos*» and other works are full of fascinating matter which provides abundant contribution to the study of comparative folk-lore. He has brought unwearying patience and insight to his work, in which he has persevered through all the bitter strife and fierce upheaval of the last fifteen years. When all the rage and stridency is over his work will remain.

The present book is an essay in pogonology, originally intended to form a chapter of the great work on Portuguese ethnography which Dr. Leite de Vasconcellos has been preparing for many years; but it expanded in his hands into this volume of nearly two hundred pages. The subject is vast and enthralling, and is treated here under all its aspects. Over a hundred illustrations add to the reader's pleasure. These are of various centuries and stations, from king to beggar (fig. 18): dukes, bishops, missionaries, fishermen, hermits, soldiers, statesmen, men of letters, judges, doctors, professors — but it is curious that painters and artists should be noticeably absent. Actors are perhaps generally cleanshaven, but there is no reason to prevent the sculptor or the pianist from wearing his hair in all its glory. We are given illustrations of the «great

round beard like a glover's paring knife», the tiny pointed beard, the full beard sweeping to the waist, the mutton-chop (*chulelas*) or «ham» (*presunto*) whiskers, sometimes worn so long that they resemble two beards, one on either side of the face; while several illustrations correspond to Sir Hugh Evans's objection: «I like not when a woman has a great beard». There are portraits of the Jesuit preacher Antonio Vieira with his little stubble beard, of Almeida Garrett, poet and fop, of the Renaissance poet Sá de Miranda (the well-known portrait with a long pointed beard); of the historian João de Barros with a short beard (in old age he is described as having a long white beard), Damião de Goes (whose portrait was painted by Dürer), Albuquerque, and D. João de Castro, Governor and Viceroy of India. Tirso de Molina in one of his plays satirizes an advocate who keeps his clients waiting while, during «fourteen hours», he curls his moustache and beard; but that was in degenerate days, and the same dramatist complains that men are growing effeminate in their dress and manners. Albuquerque and Castro belonged to sterner times, when the beard was still admired as a sign of strength rather than of beauty; and each of them in India pledged the hairs of his beard (that of Albuquerque, who died a generation before Castro, was much the finer) in order to fill the depleted treasury. How magnificently the chins of Chancellors of the Exchequer would blossom out if such customs prevailed to-day!

The Portuguese painter José Malhoa's picture of the village barber is reproduced; and we are reminded that it was, perhaps is, the custom to ask a person about to be shaved if he would have a finger or the walnut to round his cheek to a proper firmness for the razor's action! Naturally the folk-lore of the subject is not neglected, and a large number of popular quatrains are included in the text. A recent writer in the *Revista de Filologia Española* reminds us that a red beard was popularly regarded as a mark of a Jew or of a heretic, and we find the popular suspicion of this colour very widely extended. Dr. Leite de Vasconcellos quotes various proverbs warning against the treachery of men with black hair and red beards, including the French «A barbe rousse et noirs cheveux ne te fies si tu ne veux». He gives seventeenth-century references to the «Castilian beard», and in his wide researches he even mentions the English game of

Beaver. He does not refer to the *barbas zarras* or *zorras* of the thirteenth-century «Libro de Alexandre». The nearest he comes to this is in the Portuguese words *sarrudo* and *sarri-thão*; *sarrudo* is only the popular form of *serrado* (a thick beard): whereas the *barba zorra* evidently means greybeard, and may be connected with Basque *zahara* (old).

In his preface Dr. Leite de Vasconcellos laments that his work has been hampered by the poverty of Portuguese libraries. He has travelled over Europe in his ethnographical researches, but he is now no longer a young man and it is most unfortunate that so keen an intellect should be hindered by lack of material. The only remedy is for writers and publishers, when they have books to spare, on beards and other subjects, to remember the Lisbon National Library.

(*The Times Literary Supplement*, Thursday, December, 10, 1925).